

Mundo
Português

SHOP

veja mais produtos em:

shop.mundoportugues.org



VISITE A LOJA ONLINE



Para si ou para oferecer aos seus amigos e familiares!

Mundo Português

MEDALHA DE MÉRITO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS
O SEMANÁRIO PORTUGUÊS DE MAIOR CIRCULAÇÃO NO MUNDO

desde 1970

Edição 1785
1,20 Euro
12 de dezembro 2014
18 de dezembro de 2014

Diretor: Maria da Conceição Granado de Almeida

www.mundoportugues.org

redacao@mundoportugues.org

ENTREVISTA COM
PEDRO REBELO DE SOUSA

“Portugal pode vir a ser um parceiro descodificador de culturas com os países da lusofonia”



p. 2-3



Gazela
Sabe bem com a vida.

Seja responsável. Beba com moderação.

PORTO

P. 4

Igreja dos Clérigos “devolvida” à cidade do Porto

FISCALIDADE

P. 6

Senhorios têm nova obrigação fiscal a cumprir a partir de 1 de janeiro

RAUL MARTINS

Uma vida de sonho na África do Sul

Entrevista com o português que estava “condenado” a ter sucesso

P. 7



PELO MUNDO

P. 12 e 14

- França: Santa Casa da Misericórdia de Paris promove campanha de Natal
- Canadá: Ministro da Imigração do Ontário diz que a província precisa de imigrantes
- EUA: Universidade vai ter licenciatura em português
- Suíça: Conselheiro português satisfeito com resultado do referendo

BOAS NOTÍCIAS

P. 17

Dois hotéis portugueses entre os mais ‘sexy’ da Europa



BOLA DE OURO 2014

Cristiano Ronaldo, Messi ou Neuer?

Cristiano Ronaldo, Lionel Messi e Manuel Neuer são os três finalistas a Bola de Ouro. O internacional português, que venceu em 2014 a Liga dos Campeões pelo Real Madrid, a décima da história dos “merengues”, é o grande favorito...

P. 26 e 27



NELSON NUNES
CIENTISTA
PORTUGUÊS RECEBE PRÉMIO
BREAKTHROUGH 2015

O galardão pretende distinguir as descobertas nas categorias de Física Fundamental, Ciências da Vida e Matemática. O prémio do português deveu-se às descobertas na área da expansão acelerada do Universo.

P. 18

CHRISTOPHER MACEDO
DIRETOR DA ÁREA
RESTAURAÇÃO DO GRUPO
HOTELEIRO «LOUVRE HOTELS»

Nascido em Paris, sente-se parte da cultura minhota...

“Tenho um grande orgulho em ser português”

P. 23



MÚSICA

P. 34

Mickael Carreira está de regresso aos discos



SEM OLHAR PARA TRÁS



Com a nossa visão continuamos a ser Nº 1 no mundo do Grupo das Indústrias das Utilities, nos Índices de Sustentabilidade Dow Jones.



MEMBER OF
Dow Jones
Sustainability Indices
In Collaboration with RobecoSAM

PEDRO REBELO DE SOUSA ESTEVE NA AUSTRÁLIA PARA DAR A CONHECER O PORTUGAL PÓS-TROIKA

“A economia portuguesa foi destruída após o 25 de Abril e nunca mais recuperou nestes 40 anos”

Emigrou pela mesma razão que todos os emigrantes o fazem. Era advogado e os advogados estagiários ganhavam mal, ou melhor, nem ganhavam. Foi para o Brasil e mais tarde para os Estados Unidos. Acumulou experiências e ganhou ideias próprias sobre o papel de Portugal no mundo, que segundo o próprio, passa pelas relações intensas com a Lusofonia. Esteve recentemente na Austrália a convite da European-Australian Business Council para explicar “o Portugal pós-troika” aos líderes de opinião australianos e essa foi a razão desta entrevista onde falou de muitas outras coisas...

■ JOSE MANUEL DUARTE

Foi convidado recentemente para fazer uma conferência na Austrália intitulada “Portuguese Connections”. De que se tratou?

De facto estive recentemente na Austrália a fazer uma conferência a convite da European-Australian Business Council em Sidney que desenvolve os laços de conhecimento, económicos e culturais entre a Europa e a Austrália. Fui convidado para ir falar sobre o tema “Portuguese Connections”, sobre o relacionamento da ligação de Portugal com os países lusófonos. Na verdade trata-se de um assunto cheio de actualidade e de importância crescente, até para o nosso país porque se trata de um universo de oito países, quatro continentes e 250 milhões de pessoas. O objectivo foi explicar um pouco como é que funciona a potencialidade deste universo e sensibilizar uma certa liderança australiana do relevo que Portugal pode ter como plataforma de interface com esse universo lusófono e com a própria Europa.

Também a Câmara de Comércio Luso-Australiana está a promover Portugal como país no sentido de aprofundar laços de cooperação no biênio 2015/2016. Foi um bocadinho nessa linha que fui a Sidney “plantar a semente” para que isso possa vir a acontecer no futuro.

De onde vem essa admiração pela Austrália?

Confesso que sempre desde criança tive um certo encanto pela Austrália que me vem desde o tempo em que também fui emigrante em 1977 e sonhei com dois destinos, a Austrália e o Brasil que acabou por vir a ganhar a minha preferência, não só pela presença de alguma família, mas também pela língua e por aí poder desenvolver a minha actividade de advogado.

A apresentação em si teve dois pontos principais. O primeiro foi mostrar o que mudou em Portugal mercê do esforço e sacrifício pós-troika e de que forma é que a economia portuguesa, apesar das várias vicissitudes por que tem passado, conseguiu ganhar alguma respeitabilidade por parte dos mercados financeiros. Esta foi a primeira grande conclusão que foi apresentada, de que os indicadores estão a apontar o caminho certo, para além dos muitos sacrifícios internos com a intervenção da troika. Quando não se desvaloriza a moeda desvaloriza-se o poder aquisitivo interno, seja a nível salarial, seja a nível fiscal, mas na realidade é que todos nós ficámos 30 por cento mais pobres e os nossos activos desvalorizaram-se trinta por cento também.

Apesar de tudo isto, Portugal tornou-se um player mais atractivo

em termos de captação de investimento externo porque se pode comprar em baixa, o que efectivamente está a acontecer com os principais compradores das mais variadas praças do mundo. Por outro lado, Portugal tornou-se uma plataforma fiscal muito interessante, idêntica à Holanda, ou seja as holdings estabelecidas em Portugal têm o mesmo regime do holandês, quiçá até mais favorável, na medida em que quando do desinvestimento as mais valias que na Holanda são tributadas, aqui não o são. Ora isto é muito importante porque anteriormente até determinados grupos económicos portugueses foram para a Holanda para poder usufruir desta vantagem.

Por outro lado a Madeira voltou a ter o regime fiscal muito atraente e a vários níveis, seja para sedear empresas de serviços, seja para o registo de marcas e patentes com um pagamento de “royalties” muito baixo. Algumas destas vantagens já existiam, mas foram reafirmadas e são benefícios do ponto de vista fiscal que tornam Portugal um país atraente ao contrário de antigamente em que o país era menos competitivo, por ser menos amigável.

Para além das empresas houve também mudanças para as

peças singulares...

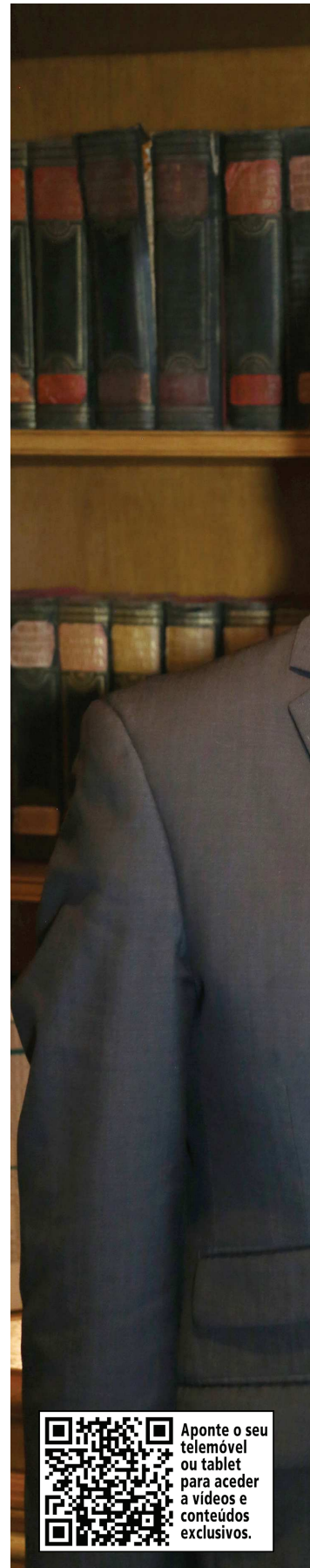
Ao nível das pessoas singulares passámos a ter dois programas. Os vistos para o espaço Schengen para cidadãos estrangeiros que adquiram imóveis ou que cá façam investimentos em ativos financeiros ou ainda pela criação de emprego e que tem sido um relativo sucesso.

E também o estatuto de residente não habitual permitindo que certas pessoas passem a ter a sua centralidade em Portugal obedecendo a determinados requisitos.

Mas aqui a mensagem final é também para as grandes multinacionais a operar no espaço europeu, é importante saber-se que Portugal se tornou muito atraente em matéria de outsourcing de serviços partilhados, porque a qualidade da nossa mão-de-obra é bastante mais atraente do que nos países mais baratos para onde tinham migrado esses serviços. Ora com a nossa desvalorização esses serviços hoje sedeados em Portugal, para além da maior qualidade têm também menor preço.

(...) Há outro aspeto sobre o qual tenho feito também uma grande cruzada argumentativa que é o sistema financeiro de países que estão em crescimento e que naturalmente têm escassez de capitais próprios, e onde claramente o sistema financeiro tem um papel muito importante. E nós quer em Angola, quer em Moçambique e restantes PALOP ainda temos uma presença significativa quer a nível de capital quer a nível operacional (...)

João a conhecer. Todos sabem que temos a sétima economia do mundo no espaço da Lusofonia, mas não sabem que duas das econó-



Aponte o seu telemóvel ou tablet para aceder a vídeos e conteúdos exclusivos.



mias que mais crescem em África são Angola e Moçambique. Nós temos o terceiro produtor de petróleo em África e o mais importante da América do Sul, temos o maior produto de café e o segundo maior produtor de soja, temos uma das maiores reservas de carvão e gás natural. Temos o maior espaço de floresta do mundo e ainda o 7ª e o 11º produtores de diamantes. Mesmo dito desta maneira extremamente breve dá para ter uma ideia da nossa presença em quatro continentes, com uma comunidade populacional que representa três por cento da população mundial e três por cento do produto mundial. É uma realidade que, politicamente, está representada na União Europeia, na Nato, e no Mercosul.

Portugal pode vir a ter algum papel mais importante na área financeira no conjunto dos países da lusofonia?

Há um outro assunto muito debatido e da maior importância. Portugal está na expectativa de ter o seu espaço marítimo atlântico substancialmente alargado, o que faria toda a diferença em termos de recursos e reservas naturais.

A tudo isto acresce o facto das muitas economias que têm tido desempenhos muito interessantes e que tem uma interpenetração conhecida com o nosso país. Um dos maiores investidores em Portugal, é Angola, e os portugueses indiscutivelmente são investidores relevantes em Angola e em Moçambique e no Brasil têm participações económicas com bastante significado, como é o caso da EDP, e alguma coisa no sector hoteleiro com um grande relevo no turismo brasileiro.

Há no entanto outro aspeto muito interessante e sobre o qual tenho feito também uma grande cruzada argumentativa que é o sistema financeiro de países que estão em crescimento e que naturalmente têm escassez de capitais próprios, e onde claramente o sistema financeiro tem um papel muito importante porque tende a ser o aparelho circulatório da economia. Quer queiramos quer não, tanto em Portugal, em Angola, Moçambique e restantes PALOP ainda temos uma presença significativa quer a nível de capital que a nível operacional. E isso é uma vantagem competitiva única. Não seremos certamente os maiores investidores, mas somos certamente, um país com uma importante presença no sistema financeiro desses países.

Avançar a importância de PORTUGAL nesta área é uma questão essencial. Passa pela Caixa Geral de Depósitos ou pela criação de um fundo da CPLP, mas tem de se avançar com qualquer coisa e de forma urgente. Tenho dito

isso a governantes e a banqueiros e entendo que é uma área de intervenção urgente onde Portugal tem de agir. Neste momento ainda temos o BNU em Macau, o Mercantile Bank na África do Sul, a Caixa Geral de Depósitos no Brasil e por isso é fundamental a criação de sinergias em todas estas realidades.

Portugal é hoje, um dos principais destinos do investimento Chineses. A mensagem é que por algum motivo a China está a fazer estes investimentos no nosso país.

A lógica é que através da EDP possa mais facilmente aceder ao mercado brasileiro, estando também no sector dos seguros na Europa através da Fidelidade. Portugal tem de ter uma vez por todos, um acordo de regime sobre aquilo que é estratégico, tal como sucedeu em Espanha. E há outros sectores em que Portugal devem ter uma definição de prioridades estratégicas dentro do espaço da lusofonia onde eu também incluo os emigrantes. Em sentido lato podemos contar "à vontade" com dez milhões de portugueses que são emigrantes e luso-falantes e se nós tivéssemos uma organização como tem Israel que permitisse usar esse network seria fantástico...

Fala com bastante conhecimento do assunto porque também teve um percurso de vida como emigrante...

Fui dos primeiros conselheiros das comunidades em 1978, vim a Lisboa ao primeiro congresso e portanto acompanho essa realidade desde que emigrei há 37 anos. Sempre como advogado, primeiro na América Latina e depois em Nova Iorque que são realidades muito diferentes. Devo dizer que tenho a experiência suficiente para achar que nós não somos bons a usar essa network para além de algumas tentativas mais ou menos tímidas. O próprio presidente da república tem tentado criar alguma coisa, o Conselho das Comunidades mas na verdade o que se sente é que não basta criar entidades, tem de haver acima de tudo a definição da estratégia para onde se pretende seguir e penso que até hoje é isso que tem falhado.

Recentemente numa conferência fez uma crítica ao Instituto Camões que desagradou ao próprio Secretário de Estado...

Considero a língua, o futebol e o direito como as grandes vertentes sócio-culturais que estabelecem os laços afetivos e que nós temos de acarinhar. Quando critico o Instituto Camões quero notar que a crítica é construtiva, mas custa muito andar pelo mundo e ouvir constantemente os mesmos lamentos de que não há professor de português, e sobretudo que não há recursos para fazer um trabalho de extrema importância.

A minha crítica foi apenas o ouço de alguns embaixadores me vêm dizer que o "Instituto de Camões não existe". Há coisas que de facto não se compreendem. Como é possível, por exemplo, que o Aicep tenha apenas uma pessoa na China? É impossível que possa estar a fazer alguma coisa. .. Voltando ainda à questão da língua portuguesa, este é um assunto que podia haver alguma partilha de esforço. Angola podia perfeitamente contratar algumas centenas de professores que estão desempregados e põ-los em Angola a ensinar. Não sei se estou a dizer uma grande asneira, mas esta é a percepção de quem anda pelo mundo.

Que soluções para Portugal poder dinamizar o espaço lusófono quando financeiramente há muitas dificuldades?

De facto na vertente do investimento puro e duro, não vale a pena enganarmo-nos. Não temos dinheiro. A economia portuguesa foi destruída com o pós 25 de Abril, e volvidos 40 anos nunca mais recuperou, isto é mais do que nunca uma evidência. E o problema é que não se conseguiu ainda reconstituir porque não tem capitais.

A solução pode ser a criação de parcerias com aqueles que achem que vale a pena ter parcerias conosco. Portugal pode ser um parceiro descodificador com culturas com as quais temos relacionamentos culturais e históricos. Há muitos mercados internacionais com interesse em estar nos países emergentes como Angola e Moçambique e que precisam dos portugueses para o estabelecimento de pontes para o mundo da lusofonia que os portugueses tão bem conhecem.

(...) Portugal pode vir a ser um parceiro descodificador de culturas com as quais temos relacionamentos culturais e históricos. Há muitos mercados internacionais com interesse em estar nos países emergentes como Angola e Moçambique e que precisam dos portugueses para o estabelecimento de pontes para o mundo da lusofonia que os portugueses tão bem conhecem (...)